

Léxico

Léxico

MAX BARRY

TRADUÇÃO DE
Domingos Demasi



Copyright © 2013 by Max Barry

Poema de Emily Dickinson da parte IV retirado de *A branca dor da escrita*, de Lucia Castello Branco. Poema traduzido por Fernanda Mourão, editoras 7Letras e UFMG, 2003.

TÍTULO ORIGINAL

Lexicon

PREPARAÇÃO

Ana Resende

André Marinho

REVISÃO

Marcela de Oliveira

Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B288L

Barry, Max

Léxico / Max Barry ; tradução Domingos Demasi. –

1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

368 p. ; 23 cm.

Tradução de: Lexicon

ISBN 978-85-8057-705-1

1. Ficção australiana. I. Demasi, Domingos. II. Título.

15-19532

CDD: 828.99343

CDU: 821.111(94)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Jen, novamente

Toda história escrita são
sinais sobre uma página
Os mesmos sinais,
repetidos, mas
arrumados de forma diferente

[1]

POETAS

Depois de Rã, o maior dos deuses, ser criado, seu pai lhe dera um nome secreto, tão terrível que nenhum homem ousava se empenhar em descobrir, e tão pre-nhe de poder que todos os outros deuses desejavam conhecê-lo e controlá-lo também.

— F. H. BROOKSBANK, *The Story of Ra and Isis*

[UM]

— Ele está voltando a si.

— Os olhos dele sempre fazem isso.

O mundo estava embaçado. Havia uma pressão em seu olho direito.

— Arg — disse ele.

— Porra!

— Pegue o...

— É tarde demais, esqueça. Tire isso.

— Não é tarde demais. Segure-o. — Um vulto surgiu em sua visão. Ele cheirava a álcool e urina rançosa. — Wil? Está me ouvindo?

Ele passou a mão no rosto, para afastar o que quer que estivesse sendo pressionado.

— Pegue o... — Dedos agarraram seu punho. — Wil, é importante que você não toque no rosto.

— Por que ele está consciente?

— Não sei.

— Você fez alguma merda.

— Não fiz nada. Me dê isso.

Um murmúrio.

Ele disse:

— Hummm. Hummm.

— Pare de se mexer.

Ele sentiu um bafo na orelha, quente e íntimo.

— Tem uma agulha no seu globo ocular. Não se mexa.

Ele não se mexeu. Algo vibrou, algo eletrônico.

— Ah, merda, merda.

— O quê?

— Eles estão aqui.

— Já?

— Dois deles, é o que está dizendo. Temos que ir.

— Já estou quase lá.

— Não pode fazer isso enquanto ele está consciente. Vai fritar o cérebro dele.

— Provavelmente, não.

Ele disse:

— Pufavôôô, num mi mate.

Um fecho se soltou.

— É isso que estou fazendo.

— Não pode fazer isso enquanto ele está consciente, e estamos ficando sem tempo, talvez ele nem mesmo seja o cara.

— Você não está ajudando, saia do caminho.

Wil disse:

— Eu... preciso... espirrar.

— Espirrar seria um péssimo negócio agora, Wil.

Um peso tomou seu peito. A visão escureceu. O globo ocular mexeu ligeiramente.

— Isso pode doer.

Uma incisão. Um baixo gemido eletrônico. Era como se tivessem enfiado um prego de trilho de trem em seu cérebro. Ele berrou.

— Você está acabando com ele.

— Você está bem, Wil. Você está bem.

— Ele está... ah, está sangrando pelo olho.

— Wil, preciso que você responda a algumas perguntas. É importante que responda honestamente. Está entendendo?

Não não não...

— Primeira pergunta. Você descreveria a si mesmo como alguém que gosta mais de cachorro ou de gato?

O quê...

— Vamos, Wil. Cachorro ou gato?

— Não estou conseguindo ler essa coisa. É por isso que não fazemos coisas desse tipo quando eles estão conscientes.

— Responda à pergunta. A dor vai passar quando você responder às perguntas.

Cachorro! Cachorro por favor cachorro!

— Isso foi cachorro?

— Foi. Ele tentou dizer cachorro.

— Bom. Muito bom. Uma a menos. Qual é a sua cor favorita?

Algo soou.

— Merda! Mas que merda!

— O quê?

— Wolf está aqui!

— Não pode ser.

— Aqui diz que pode, sim. Bem aqui, porra!

— Me mostre.

Azul!, gritou para o silêncio.

— Ele respondeu. Você viu?

— Sim, eu vi! E daí? A gente tem que se mandar. A gente tem que *se mandar*.

— Wil, quero que pense num número entre um e cem.

— Ah, meu Deus.

— Qualquer número que você queira. Vamos lá.

Eu não sei...

— Concentre-se, Wil.

— Wolf está vindo, e você está perdendo tempo sondando pessoalmente o cara errado. Pense no que está fazendo.

Quatro escolho quatro...

— Quatro.

— Eu vi.

— Tudo bem, Wil. Só faltam duas perguntas. Você ama sua família?

Sim não que tipo de...

— Ele está por toda parte.

Eu não tenho... acho que sim isto é sim todo mundo ama...

— Espere, espere. Certo. Eu vi. Nossa, que esquisito.

— Só mais uma pergunta. Por que você fez isso?

O quê... eu não...

— Uma pergunta simples, Wil. Por que você fez isso?

Fazer o que fazer o que o que o que...

— Borderline. Tipo: Transtorno de Personalidade Borderline. Isso em oito segmentos diferentes. Eu devia ter imaginado.

Não sei o que você está dizendo eu não fiz nada juro eu nunca fiz nada a ninguém a não ser uma vez quando conheci uma garota...

— Aí está.

— Sim. Sim, está bem.

A mão cobriu sua boca. A pressão no globo ocular se intensificou, tornou-se uma sucção. Estavam arrancando seu globo ocular. Não: era a agulha, sendo retirada. Ele gritou, provavelmente. Então a dor sumiu. Mãos o puxaram para cima. Ele não conseguia enxergar. Chorou pelo seu pobre e agredido globo ocular. Mas ele continuava ali. Estava ali.

Vultos desfocados surgiram em meio à névoa.

— O quê? — perguntou Wil.

— *Coarg medicity nighten comense* — falou o vulto mais alto. — Pule num pé só. Wil semicerrou os olhos, confuso.

— Hum — disse o vulto mais baixo. — Talvez seja *mesmo* ele.

Encheram uma pia com água e enfiaram a cara dele lá dentro. Ele emergiu, arquejando.

— Não encharque as roupas dele — disse o homem alto.

Ele estava num banheiro. Num aeroporto. Tinha desembarcado às três e cinco da tarde do voo de Chicago, no qual o assento do corredor havia sido ocupado por um homem grandalhão com camisa havaiana, que Wil não ousara acordar. A princípio, o banheiro parecera fechado para limpeza, mas o zelador havia retirado o aviso, e Wil se lançara aos tropeços em sua direção, agradecido. Fora até o mictório, abriu o zíper, sentira o alívio.

A porta se abriu. Um homem alto, de casaco bege, tinha entrado. Havia meia dúzia de mictórios livres, Wil estava na ponta da fileira, mas o homem escolheu o local ao lado dele. Instantes se passaram, e o homem alto não mijou. Wil, esvaziando-se em alta velocidade, sentiu uma pontada de compaixão. Ele já tinha passado por aquilo. A porta fora aberta outra vez. Um segundo homem entrou e a trancou.

Wil havia ajeitado a calça. Olhara o homem a seu lado, pensando — isso foi engraçado, olhando em retrospecto — que não importava o que estivesse acontecendo ali, não importava o perigo específico sugerido pelo fato de um homem entrar num banheiro público e, porra, *trancá-lo*: pelo menos Wil e o homem alto estavam juntos lá dentro. Pelo menos eram dois contra um. Então ele percebera que os olhos do Cara da Bexiga Tímida eram calmos e profundos, até meio bonitos, mas o principal era *que se mantinha calmo como se não tivesse sido surpreendido*, e o Cara da Bexiga Tímida agarrara a cabeça de Wil e o empurrara contra a parede.

E então a dor, e perguntas.

— Preciso tirar esse sangue do cabelo dele — falou o homem baixo e limpou o rosto de Wil com toalhas de papel. — O olho dele está horrível.

— Se eles chegarem perto o bastante para ver os olhos dele, teremos problemas maiores.

O homem alto limpava as mãos com um paninho branco, dedicando atenção a cada dedo. Era magro e moreno, e Wil não estava mais achando seus olhos tão bonitos. Ele captava uma espécie de vibração fria, sem alma. Como se aqueles olhos pudessem observar coisas terríveis sem desviar o olhar.

— E aí, Wil, está ouvindo? Consegue andar e falar?

— Vá se — falou — furrdeee. — Não saiu como ele pretendia. Sua cabeça parecia frouxa.

— Ótimo — disse o homem alto. — O negócio é o seguinte: precisamos dar o fora deste aeroporto o mais rápido possível, com a maior discrição. Quero que você coopere com a gente. Se eu notar qualquer resistência, vou tornar as coisas bem ruins para o seu lado. Não que eu tenha alguma coisa contra você, particularmente, mas preciso que fique motivado. Entendeu?

— Eu não sou... — Ele procurou a palavra. *Rico? Sequestrável?* — Ninguém. Sou carpinteiro. Faço deques. Varandas de madeira. Gazebos.

— Sim, é por isso que estamos aqui, por causa de seu incomparável trabalho com gazebos. Pode esquecer isso. Nós sabemos quem você é. E *eles* sabem quem você é, e estão *aqui*, portanto, vamos cair fora dessa porra enquanto podemos.

Ele levou um instante para escolher as palavras, porque teve a sensação de que só teria mais essa chance.

— Meu nome é Wil Parke. Sou carpinteiro. Tenho namorada, e ela está esperando lá fora para me buscar. Não sei quem vocês pensam que eu sou, ou por que enfiaram uma... coisa no meu olho, mas não sou ninguém. Garanto que não sou ninguém importante.

O homem baixo havia guardado o equipamento numa bolsa marrom e a mantinha pendurada num dos ombros, fitando o rosto de Wil. Tinha cabelos ralos e sobrancelhas inquietas. Wil, normalmente, o teria confundido com um contador.

— Vamos fazer o seguinte — propôs Wil. — Vou entrar numa cabine e fechar a porta. Vinte minutos. Vou esperar vinte minutos. Será como se nós nunca tivéssemos nos encontrado.

O homem baixo olhou para o mais alto.

— Eu não sou o cara — insistiu Wil. — Eu não sou o cara.

— O problema desse seu pequeno plano, Wil — retrucou o homem alto —, é que, se você ficar aqui, em vinte minutos estará morto. Se for atrás da sua na-

morada, em quem, lamento dizer, você não pode mais confiar, também estará morto. Se fizer qualquer outra coisa, em vez de vir com a gente agora, rápido, e cooperar, receio que também estará morto. Pode não parecer, mas, no momento, somos as únicas pessoas que podem salvar você. — Seus olhos buscaram os de Wil. — Posso ver, porém, que não está achando isso muito persuasivo, então vou usar um método mais direto.

Ele abriu o casaco. Aninhado em um dos lados, com o cano para baixo e num coldre de coxa, havia um curto e grosso fuzil. Não fazia sentido, pois estavam num aeroporto.

— Venha, ou atiro na porra dos seus rins.

— Está bem — disse Wil. — Ok, seu argumento é muito bom. Vou cooperar.

A questão era sair do banheiro. O aeroporto estava cheio de seguranças. Assim que saísse, um empurrão, um grito e uma corrida: era assim que ele conseguiria escapar.

— Não — retrucou o homem baixo.

— Não — concordou o homem alto. — Saquei. Vamos dopá-lo.

Uma porta se abriu. Do outro lado, havia um mundo de cores atordoantes e sons emudecidos, como se algo tivesse sido enfiado nos ouvidos, nos olhos e possivelmente no cérebro de Wil. Ele sacudiu a cabeça para clarear as ideias, mas o mundo ficou escuro e tempestuoso e não se endireitaria mais. O mundo não gosta de ser abalado. Ele compreendia isso agora. Não voltaria a abalá-lo. Sentiu os próprios pés deslizarem para longe, como em patins silenciosos, e alcançou uma parede para se apoiar. A parede xingou e enfiou seus dedos no braço dele, e provavelmente não era uma parede. Provavelmente era uma pessoa.

— Você deu muito para ele — disse a pessoa.

— Melhor prevenir do que remediar — retrucou outra voz.

Eram pessoas más, lembrou-se Wil. Elas o estavam sequestrando. Ficou irritado com isso, mas de modo técnico, como se quisesse defender um ponto de vista por princípio. Tentou se mover com as pernas cambaleando.

— Meu Deus — murmurou uma pessoa, a alta com olhos tranquilos.

Wil não gostava dela. Tinha esquecido por quê. Não. Era o sequestro.

— Ande.

Ele andou, magoado. Havia fatos importantes em sua mente, mas ele não conseguia encontrá-los. Tudo se movia. Um fluxo de gente no aeroporto irrompeu em volta dele. Todo mundo indo a algum lugar. Wil tinha ido a algum lugar. Encontrado alguém. À sua esquerda, um pássaro trinou. Ou um celular. O homem baixo olhou de soslaio para a tela.

— Rain.

— Onde?

— Desembarque doméstico. Ali na frente.

Wil achou essa ideia interessante: Rain no terminal. Chuva no terminal.

— Nós conhecemos alguém chamado Rain?

— Sim. Uma garota nova.

— Merda — disse o homem baixo. — Detesto atirar em garotas.

— Você vai se acostumar — observou o homem alto.

Um casal jovem passou, de mãos dadas. Namorados. O conceito parecia familiar.

— Por aqui — indicou o homem alto, conduzindo Wil para uma livraria.

Ele ficou cara a cara com uma prateleira que dizia LANÇAMENTOS. Os pés de Wil continuavam patinando; ele estendeu a mão para se segurar e sentiu uma dor pungente.

— Algum problema?

— Não deve ser nada — murmurou o homem alto —, ou pode ser Rain, passando agora atrás da gente, com um vestidinho azul.

Um reflexo em movimento podia ser visto nas capas brilhantes das publicações. Wil tentava imaginar o que o tinha ferido. Foi um arame solto na placa LANÇAMENTOS. O interessante foi que ser ferido ajudou a clarear a confusão em sua mente.

— A parte mais movimentada de qualquer livraria é sempre a dos lançamentos — comentou o homem alto. — É isso que atrai as pessoas. Não o melhor. É sim o novo. Por que é assim, Wil? O que você acha?

Wil furou-se com o arame. Foi apenas uma tentativa, e mal o sentiu, por isso fez de novo, com mais força. Dessa vez, uma dor lancinante varreu sua mente. Lembrou-se de agulhas e de perguntas. Sua namorada, Cecília, estava lá fora, num SUV branco. Estaria parada na área de embarque e desembarque, onde só poderia esperar por dois minutos; eles tinham combinado aquilo cuidadosamente. Ele estava atrasado por causa daqueles caras.

— Acho que estamos indo bem — disse o homem baixo.

— Tenha certeza.

O homem baixo se afastou.

— Muito bem, Wil — começou o homem alto. — Em poucos instantes, vamos atravessar o saguão e descer algumas escadas. Daremos uma pequena volta pela área das aeronaves, depois embarcaremos num belo e confortável avião de doze lugares. Haverá um lanche. Bebidas, se estiver com sede. — O homem alto o encarou. — Ainda está me ouvindo?

Wil segurou o rosto do homem. Ele não tinha nenhum plano sobre o que fazer em seguida, portanto ficou apenas ali, apoiando-se na cabeça do sujeito e cambaleando para trás, até tropeçar num display de papelão. Os dois desabaram num emaranhado de casaco bege e livros espalhados. *Correr*, pensou Wil, e aquela sim era uma boa ideia. Ele olhou ao redor e disparou até a saída. No vidro, viu um homem de olhar enlouquecido e percebeu que era ele próprio. Ouviu gritos e vozes alarmadas, possivelmente o homem alto se levantando, segurando um fuzil; Wil recordava agora, *um fuzil*, o que não era o tipo de coisa que você esqueceria.

Ele seguiu aos tropeços em meio a um oceano de rostos assustados e bocas abertas. Era difícil se lembrar do que estava fazendo. Suas pernas ameaçavam traí-lo, mas o movimento fazia bem, ajudava a clarear a mente. Avistou escadas rolantes e avançou gradualmente na direção delas. Suas costas anunciavam potenciais tiros de fuzil, mas o pessoal do aeroporto parecia estar se empenhando para sair do seu caminho, praticamente *se jogando* para os lados, pelo que ele estava muito grato. Alcançou as escadas rolantes, mas seus pés patinadores continuaram em frente, e ele caiu de costas. O teto se movia devagar. Os azulejos lá em cima estavam imundos. Eram realmente nojentos.

Sentou-se, lembrando-se de Cecília. E também do fuzil. E, agora que pensou nisso, que tal alguns seguranças? Onde estavam? Porque estava em um aeroporto. Em um *aeroporto*. Wil se segurou no corrimão, na tentativa de ficar de pé e procurar os seguranças, mas seus joelhos avançavam em direções opostas, e ele seguiu desabando pelo resto do caminho. Membros de seu corpo telegrafaram reclamações de lugares distantes. Levantou-se. Suor escorreu por seus olhos. Porque a mente enevoada não o confundia o bastante, precisava também da *visão embaçada*. Mas conseguia enxergar a luz, o que significava *saída*, o que significava *Cecília*, por isso correu. Alguém gritou. A luz se intensificou. O ar gelado irrompeu à sua volta, como se ele tivesse mergulhado num lago entre as montanhas e o tivesse sorvido para seus pulmões. Neve, ele viu. Estava nevando. Flocos semelhantes a pequeninas estrelas.

— Socorro, um cara armado — falou para um homem que parecia um policial, mas, pensando bem, provavelmente estava orientando os táxis.

Ônibus laranja. Vagas de estacionamento. A área de embarque e desembarque estava um pouco mais distante. Ele quase se chocou com uma família empurrando um carrinho carregado e o homem tentou agarrar seu casaco, mas ele continuou correndo, e tudo começava a fazer sentido, agora, correndo; começava a se lembrar de como coordenar as várias partes de seu corpo e lançou um olhar por cima do ombro e colidiu com um poste.

Sentiu gosto de sangue. Alguém perguntou se ele estava bem, um garoto puxando fones de ouvido do meio do cabelo. Wil olhou-o fixamente. Não tinha entendido a pergunta. Ele havia se chocado com um poste e todos os seus pensamentos tinham se espalhado no chão. Tateou em busca deles e encontrou Cecilia. Ergueu o corpo das profundezas como se fossem escombros, afastou o jovem para o lado e cavalgou sobre o cume de menosprezo do garoto. Finalmente, ele o viu, o carro de Cecilia, uma fortaleza branca sobre rodas com VIRGINIA É PARA AMANTES na janela traseira. A felicidade conduziu seus passos. Deu um puxão na maçaneta para abrir a porta e desabou lá dentro. Nunca se sentira tão orgulhoso.

— Consegui. — Ele arfou. Fechou os olhos.

— Wil?

Olhou para Cecilia.

— O que foi?

Começou a se sentir inseguro, porque o rosto dela estava estranho. Então lhe ocorreu, numa fonte de temor que começou em algum lugar não identificado e terminou em seus testículos: ele não devia estar ali. Não devia ter levado aqueles homens armados até a namorada. Foi algo estúpido a fazer. Sentiu-se furioso consigo mesmo e desolado, pois tinha sido tão difícil chegar ali e, agora, precisava correr novamente.

— Wil, o que houve? — Os dedos dela se aproximaram. — Seu nariz está sangrando. — Havia um pequenino sulco em sua testa, que ele conhecia muito bem e estava triste por abandonar.

— Dei de cara num poste.

Ele alcançou a trava da porta. Quanto mais tempo passava sentado ali, mais a névoa o pressionava.

— Espere! Aonde você vai?

— Embora. Tenho que...

— Sente aqui!

— Tenho que ir.

— Então eu levo você de carro a algum lugar! Fique sentado!

Era uma ideia. Ir de carro.

— Está bem.

— Você fica se eu dirigir?

— Sim.

Ela alcançou a ignição.

— Certo. Apenas... fique. Eu levo você a um hospital ou algo assim. Está bem?

— Sim. — Sentiu-se aliviado.

Um peso percorreu seu corpo. Ficou se perguntando se ficaria tudo bem se ele desmaiasse. Parecia fora de seu controle. Cecília o conduziria à segurança. Aquele carro era um tanque; ele tinha zombado antes, por ser tão grande e ela tão pequena, mas os outros eram igualmente agressivos, e agora o carro os salvaria. Seria bom fechar os olhos por um momento.

Quando os abriu, Cecília o fitava. Ele piscou. Teve a sensação de que havia caído no sono.

— Por quê... — Ele se endireitou no banco.

— Shhh.

— Estamos em movimento? — Não estavam. — Por que não estamos em movimento?

— Apenas fique aí no seu banco, até eles chegarem aqui — disse Cecília. — Isso é importante.

Ele se virou no assento. O vidro agora estava embaçado. Não conseguia ver o que havia lá fora.

— Cecília. Dirija. Agora.

Ela enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Fazia isso quando estava se lembrando de alguma coisa. Ele era capaz de vê-la ao longe em uma sala, falando com alguém, e saber que estava relatando uma lembrança.

— Lembra o dia em que você conheceu meus pais? Você pirou porque achou que a gente ia se atrasar. Mas não nos atrasamos. Não chegamos atrasados, Wil.

Ele limpou a condensação da janela. Através do vidro embaçado, homens com ternos marrons corriam na direção dele.

— Dirija! Cil! *Dirija!*

— É assim mesmo — disse ela. — Vai ficar tudo bem.

Ele arremeteu contra Cecília, tateando o painel em busca da ignição.

— *Cadê as chaves?*

— Não estão comigo.

— O quê?

— Não tenho mais as chaves. — Pôs a mão na coxa dele. — Apenas fique sentado comigo um minuto. A neve não é linda?

— Cil — implorou ele. — Cil.

Houve o lampejo de um movimento escuro e a porta se abriu. Mãos o agarraram. Ele lutou contra elas, mas não pôde resistir, e elas o puxaram para o frio. Agitou os punhos em todas as direções até um objeto duro golpear com força e na transversal a parte de trás de sua cabeça, e então foi carregado em ombros

largos. Algum tempo parecia ter se passado, pois estava mais escuro. A dor fluía em ondas pela cabeça. Enxergou o asfalto e as abas esvoaçantes dos casacos.

— Porra — falou alguém, com frustração. — Esqueça o avião. Eles não podem mais nos esperar.

— Esquecer o avião? E depois?

— Do outro lado daqueles prédios, há uma via de acesso para carros de bombeiro, que nos levará até a autoestrada.

— A gente vai dirigir? Está brincando? Eles vão fechar a autoestrada.

— Não se formos rápidos.

— Não se formos...? — repetiu o homem mais baixo. — Estamos fodidos. Fodidos porque você não quis ir embora quando eu falei!

— Shhh. — Fez o homem mais alto.

Pararam de se mover. O vento soprou um pouco. Depois houve uma corre-ria, e Wil ouviu um motor, um carro parando.

— Fora — disse o homem alto.

Wil foi empurrado com força para um pequeno veículo. O homem baixo entrou depois dele. Um globo de espelho de discoteca pendia do retrovisor. Uma fileira de bichos de pelúcia com olhos pretos enormes sorriam para ele do painel. Um coelho azul segurava uma bandeira num palito, defendendo algum país. Wil não reconheceu qual. Achou que ele poderia enfiar aquilo no rosto de alguém. Estendeu a mão para pegá-lo, mas o homem baixo chegou primeiro.

— Não — falou, confiscando o coelho.

O motor acelerou.

— Como foi com a namorada, Wil? — perguntou o homem alto.

Ele manobrou o carro em volta de uma coluna com a marca D3, que Wil reconheceu como parte de um estacionamento.

— Está pronto para considerar que sabemos o que estamos fazendo?

— Isto é um erro — comentou o homem baixo. — A gente deveria ter seguido a pé.

— Está tudo bem com o carro.

— Não está tudo bem. Nada está bem.

Ele tinha uma submetralhadora pequena e ameaçadora no colo. De algum modo, Wil não tinha notado aquilo.

— Wolf estava em cima de nós desde o começo. Eles sabiam.

— Não sabiam.

— Brontê...

— Cale a boca.

— Brontë fodeu a gente! — exclamou o homem baixo. — Ela fodeu a gente e você nem percebeu!

O homem alto conduziu o carro em direção a um conjunto de hangares baixos e armazéns. Ao se aproximarem, o vento aumentou, cuspidando gelo pelos afunilamentos formados pelas paredes. O carro balançou. Wil, espremido entre os dois homens, apoiava-se em um deles, depois no outro.

— Este carro é uma merda — disse o homem baixo.

Um pequeno vulto surgiu na escuridão adiante. Uma garota usando um vestido azul. Seu cabelo dançava ao vento, mas ela permanecia totalmente imóvel.

O homem baixo inclinou-se para a frente.

— Aquela é Rain?

— Acho que sim.

— Passe por cima dela.

O motor ganiu. A garota estava cada vez mais perto do para-brisa. Havia flores em seu vestido, observou Wil. Flores amarelas.

— *Passe por cima dela!*

— Ah, porra — disse o homem alto, quase baixo demais para ser ouvido, e o carro começou a estrondar.

O mundo se deslocou. O peso forçou Wil para o lado. Coisas se mexeram além do vidro. Uma criatura, um gigante com olhos abrasadores e dentes prateados caiu neles. O carro fez uma curva e virou. Os dentes eram a grade do radiador, percebeu Wil, e os olhos, os faróis, pois a criatura era um SUV. Ela abocanhara a frente do carro, rugiu e sacudiu, e se chocou contra a parede de tijolos. Wil pôs os braços em volta da cabeça, porque tudo estava se quebrando.

Ele ouviu gemidos. Confusão. O ruído do motor esfriando. Ergueu a cabeça. Os sapatos do homem alto desapareciam em um buraco irregular onde antes estivera o para-brisa. O homem baixo manuseava desajeitadamente a trava da porta, de um jeito que sugeria a Wil que ele estava tendo dificuldade para fazer as mãos lhe obedecerem. O interior do carro tinha uma forma estranha. Ele tentou empurrar algo para longe de seu ombro, mas era o teto.

A porta do homem baixo rangeu e emperrou. O homem alto apareceu do outro lado e a abriu com um puxão. O homem baixo rastejou para fora e olhou para trás, na direção de Wil.

— Venha.

Wil balançou a cabeça.

O homem baixo murmurou um palavrão. Depois que se afastou, o rosto do homem alto surgiu.

— Ei, Wil. Wil. Dê uma olhada, bem ali, à sua direita. Incline-se um pouco para a frente. Isso. Consegue ver?

A janela lateral parecia uma teia de aranha pela metade, porém, mais além dela, ele conseguiu ver o veículo que os tinha atingido. Era um SUV branco. A frente estava amassada contra a parede. Vapor saía das rodas dianteiras entortadas. O adesivo na janela traseira dizia: VIRGINIA É PARA AMANTES.

— Sua namorada acabou de tentar nos matar, Wil. Ela avançou direto até a gente. E não sei se você consegue ver daí, mas ela não parou nem mesmo para colocar o cinto de segurança. De tão focada que estava. Consegue vê-la, Wil?

— Não — respondeu. Mas conseguia.

— É, e você precisa sair do carro, porque há mais de onde ela veio. Sempre há mais.

Ele saiu do veículo. Pretendia dar um soco na cara do homem, derrubá-lo e talvez sufocá-lo até a morte, observar aqueles olhos se apagarem, mas algo agarrou seu braço. Quando se deu conta, o homem baixo o algemava com plástico branco. Já era. O homem alto empurrou-o para a frente.

— Ande.

— *Não! Não! Cecilia!*

— Ela está morta — disse o homem alto. — Depressa.

— Eu vou matar você — prometeu Wil.

O homem baixo corria à frente deles, aninhando a submetralhadora. A cabeça se movia de um lado para outro. Provavelmente estava procurando aquela garota, a tal que chamaram de Rain, que permanecera imóvel como se estivesse grudada ao asfalto, como se pudesse encarar um carro.

— Tem uma van naquele hangar ali — avisou o homem baixo. — Talvez esteja com as chaves.

Homens de capacete e macacão se aproximaram. O homem baixo gritou para eles se deitarem e não se moverem, porra. O homem alto abriu a porta de uma van branca e enfiou Wil nela. Wil se virou, para poder quebrar os dentes do homem alto com um chute, quando ele o seguisse para dentro do carro, mas um lampejo azul no retrovisor chamou sua atenção. Olhou para lá. Havia algo azul agachado sob um caminhão reabastecendo. Um vestido azul.

A porta da van se abriu, e o homem baixo entrou. Olhou para Wil.

— O que foi?

Wil não disse nem uma palavra. O homem alto deu partida no motor. Tinha deslizado para o interior da van sem que Wil notasse.

— Espere — alertou o homem baixo. — Ele viu alguma coisa.

O homem alto o encarou.

— Você viu?

— Não — respondeu ele.

— Merda! — exclamou o homem baixo, e saltou para fora da van.

Wil ouviu suas passadas. Não quis olhar pelo retrovisor porque o homem alto observava, mas deu uma olhada só uma vez, e não havia mais nada lá. Alguns instantes se passaram. Houve um ruído. A garota de vestido azul irrompeu, passando pela janela de Wil, assustando-o, o cabelo louro voando. Ouviu-se uma rajada de tiros. Ela caiu, lânguida, no concreto.

— Não se mexa — ordenou o homem alto a Wil.

O homem baixo contornou a van e olhou para eles. O cano da arma fumegava. Fitou a garota e soltou uma gargalhada curta, como um latido.

— Peguei a garota!

Wil podia ver os olhos dela. Estava estatelada de bruços, o cabelo espalhado pelo rosto, porém, ainda assim, ele conseguia ver que os olhos eram do mesmo azul do vestido. Sangue escuro escorria furtivamente pelo concreto.

— Peguei ela! — disse o homem baixo. — Puta merda! Acertei uma poeta!

O homem alto acelerou o motor.

— Vamos.

O homem baixo gesticulou: *Espera*. Aproximou-se da garota, mantendo a arma apontada em sua direção, como se houvesse alguma chance de ela poder se levantar. Ela não se mexeu. Ele chegou mais perto e a cutucou com o sapato.

Os olhos da garota se mexeram.

— *Contrex helo siq rattrak* — disse ela, ou algo semelhante. — Atire em si mesmo.

O homem baixo colocou a ponta da arma no próprio queixo e puxou o gatilho. A cabeça deu um solavanco para trás com um estalido. O homem alto abriu a porta da van com um chute e apoiou o fuzil no ombro. Descarregou-o na garota. O corpo dela se agitou. O homem alto caminhou adiante, ejetou o cartucho usado e disparou novamente. Trovejou por todo o hangar.

Quando o homem alto retornou, Wil estava a meio caminho da porta.

— Volte — ordenou ele.

Seus olhos pareciam repletos de morte, e Wil viu claramente que agora não havia mais limites. Essa compreensão ocorreu aos dois. Wil voltou para a van. Suas mãos amarradas pressionaram as costas. O homem alto engatou a ré, passou por entre os dois corpos e acelerou em direção à noite. Não falou nada nem olhou para Wil. Sem esperança, Wil observou os armazéns se afastarem rapidamente: talvez tivesse tido uma chance de escapar, mas agora já era.

ATIRADOR DO AEROPORTO “NÃO TINHA MOTIVO PARA VIVER”

PORTLAND, OREGON: O técnico de manutenção que atingiu fatalmente duas pessoas antes de tirar a própria vida, ocasionando o fechamento do Aeroporto Internacional de Portland por oito horas, sofria de depressão decorrente do fim de seu casamento, informaram amigos e familiares.

Amelio Gonzalez, 37 anos, contou a um amigo que não lhe restava motivos para viver após uma decisão judicial que, três meses atrás, concedeu a custódia total de seus dois filhos, de 11 e 7 anos, à ex-mulher, Melinda Gonzalez.

Acredita-se que o Sr. Gonzalez procurou ajuda médica e lhe foram receitadas medicações antidepressivas.

Os colegas do Sr. Gonzalez continuam sem acreditar nos atos cometidos por ele, descrevendo-o como um homem amigável, generoso, que geralmente deixava de lado seus interesses para ajudar os outros.

“Amelio era um cara muito legal”, declarou Jerome Webber, que trabalhou com o técnico na manutenção de aviões durante dois anos. “Um pouco quieto, mas qualquer um ficaria arrasado [nessas circunstâncias]. É simplesmente a última pessoa que se esperaria que fizesse algo do tipo.”

A gerência do aeroporto defendeu suas práticas de contratação de pessoal afirmando que todos os funcionários são submetidos regularmente a verificações psicológicas. O Sr. Gonzalez passou por uma dessas verificações recentemente, há quatro semanas.

“Estamos fazendo todo o possível para ir a fundo no caso”, declarou George Aftercock, chefe de segurança do Aeroporto Internacional de Portland. “Queremos saber como um funcionário-modelo pode subitamente pirar.”

Amelio Gonzalez atirou em duas pessoas no sábado. Acredita-se que uma terceira pessoa, uma mulher, tenha morrido num acidente de carro enquanto tentava fugir. Os nomes das vítimas ainda não foram informados.

A princípio, acreditou-se que uma confusão anterior, envolvendo um homem em estado agitado correndo pelo saguão do aeroporto, teria ligação com o tiroteio, porém descobriu-se que a relação não era procedente.